



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS -  
CCSA DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
SOCIAL CURSO DE JORNALISMO**

**TERESA RAQUEL LIMA GALDINO**

**STORYTELLING TRANSMÍDIA: UMA ANÁLISE DO PODCAST E DOCUMENTÁRIO  
SOBRE “O CASO EVANDRO”**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

TERESA RAQUEL LIMA GALDINO

**STORYTELLING TRANSMÍDIA: UMA ANÁLISE DO PODCAST E DOCUMENTÁRIO  
SOBRE “O CASO EVANDRO”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de Comunicação  
Social, Curso de Jornalismo, da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Verônica Almeida de Oliveira Lima

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G149s Galdino, Teresa Raquel Lima.  
Storytelling transmídia [manuscrito] : uma análise do podcast e documentário sobre "O Caso Evandro" / Teresa Raquel Lima Galdino. - 2022.  
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima , Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Jornalismo transmídia. 2. Storytelling. 3. Podcast. 4. Documentário. 5. Narrativa transmídia. I. Título

21. ed. CDD 070.4

TERESA RAQUEL LIMA GALDINO

STORYTELLING TRANSMÍDIA: UMA ANÁLISE DO PODCAST E DOCUMENTÁRIO  
SOBRE “O CASO EVANDRO”

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social, Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo Convergente.

Aprovada em: 22 / 11 / 2022 .

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Verônica Almeida de Oliveira Lima (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Fernando Firmino da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elane Gomes da Silva Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>NARRATIVAS TRANSMÍDIA, MULTIMÍDIA E STORYTELLING NO JORNALISMO</b> .....	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>PODCAST E DOCUMENTÁRIO COMO FERRAMENTA NO JORNALISMO</b> .....	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>O CASO EVANDRO</b> .....	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>15</b>
<b>5.1</b>	Análise do primeiro episódio da quarta temporada do podcast Projeto Humanos: “O Caso Evandro [S04E01]” .....	<b>15</b>
<b>5.2</b>	Análise do primeiro episódio da série documental O Caso Evandro: “O Crime” .....	<b>16</b>
<b>6</b>	<b>CRUZAMENTO DOS DADOS</b> .....	<b>17</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>18</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>20</b>

# STORYTELLING TRANSMÍDIA: UMA ANÁLISE DO PODCAST E DOCUMENTÁRIO SOBRE “O CASO EVANDRO”

Teresa Raquel Lima Galdino<sup>1</sup>

## RESUMO

Encontramos no jornalismo diversas formas de expor os fatos. Considerando as mudanças que ocorreram no decorrer dos anos, principalmente graças à evolução da tecnologia, as narrativas jornalísticas ganharam novas formas e possibilidades. A cultura da convergência é o ponto chave de tudo isso. As narrativas transmídia são parte dessa transformação. O objetivo dessa pesquisa é observar de que forma se dá as narrativas presentes no primeiro episódio da quarta temporada do podcast Projeto Humanos e no primeiro episódio da série documental O Caso Evandro, com o intuito de perceber a transmidialidade entre elas e o que as diferencia. Bem como o uso do storytelling no meio jornalístico. Os conceitos desenvolvidos por Jenkins (2009), Pernisa Junior (2010), Cunha e Mantello (2014) e Palacios e Terenzzo (2016) foram essenciais para embasar esse trabalho. A metodologia utilizada se baseia na pesquisa descritiva e estudo de casos múltiplos. Cada produto midiático foi analisado separadamente e após a análise foi feito o cruzamento dos dados. Por meio disso foi possível constatar as narrativas transmídia nos produtos midiáticos analisados e as diferenças entre elas, além da importância do storytelling nesse contexto.

**Palavras-chave:** Jornalismo Transmídia. Storytelling. Podcast. Documentário. Narrativa Transmídia.

## ABSTRACT

We find in journalism many ways to expose the facts. Considering the changes that occurred over the years, most of them because of the evolution of technologies, the journalistic narratives have gained new forms and possibilities. The convergence culture is the key to all of this. The transmedia narratives are part of this transformation. The purpose of this research is to observe how the narratives present in the first episode of the fourth season of "Projeto Humanos" podcast and in the first episode of the documentary series "O Caso Evandro" take place, in order to understand the transmediality between them what makes them different. As well as the use of storytelling in the journalistic scenario. The concepts developed by Jenkins (2009), Pernisa Junior (2010), Cunha and Mantello (2014) and Palacios and Terenzzo (2016) were essential to this work. The methodology used is a descriptive research and multiple case study. Each media product was analyzed separately and after the analysis, the data were crossed. As the result, it was possible to find the transmedia narratives in the analyzed media products and the difference between them, as well as the importance of the storytelling in this context.

**Keywords:** Transmedia journalism. Storytelling. Podcast. Documentary. Transmedia narratives.

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: [teresa.galdino@aluno.uepb.edu.br](mailto:teresa.galdino@aluno.uepb.edu.br).

## 1. INTRODUÇÃO

O jornalismo se transformou muito durante os anos que se passaram e o que se vê hoje na área são grandes inovações que mudaram completamente a maneira de se fazer jornalismo. O jornalismo transmídia faz parte dessas evoluções, proporcionando diferentes narrativas envolvendo um determinado assunto, apresentando-as de forma diversificada em mídias distintas.

A imersão, a interatividade, o jeito de narrar os fatos, tudo isso chama atenção e atrai o público. Até mesmo acontecimentos que ocorreram no século passado podem ganhar destaque se narrados de determinada maneira. O Caso Evandro é um exemplo disso. Em 1992 o menino Evandro Ramos Caetano de apenas 6 anos sumiu em Guaratuba, cidade localizada no litoral do Paraná e depois de alguns dias foi encontrado morto.

Apesar do caso ser antigo, ele vem ganhando atenção graças ao podcast criado pelo jornalista Ivan Mizanzuk, “Projeto Humanos”, que trouxe o tema em sua quarta temporada. Após as investigações feitas por Mizanzuk, novas provas envolvendo o caso foram descobertas. A partir daí, o assunto voltou à tona, ganhando até mesmo uma série documental produzida pelo Globoplay e também um livro.

Cada produção possui sua particularidade, sendo assim, este trabalho visa analisar a transmidialidade presente nos dois objetos de estudo, relatando de que maneira ela se apresenta e observando a diferença entre as narrativas utilizadas em cada um dos formatos, além de adentrar em outros conceitos como storytelling e multimídia, tomando como base, principalmente, a ideia da cultura da convergência defendida por Henry Jenkins (2009).

Busca-se entender se a forma como essa história é narrada pode ser classificada como uma narrativa transmídia, considerando os aspectos e características que definem tal formato e como o uso storytelling pode agregar a esse tipo de narrativa.

Teóricos como Pernisa Jr (2010) e Salaverría (2014) também se fazem necessários na discussão sobre narrativas transmídia e multimídia. Enquanto Cunha e Mantello (2014), Palacios e Terenzo (2016) e Luana Viana (2020) são alguns dos estudiosos que serviram como embasamento para tratar da questão do storytelling neste trabalho.

Esse tema se faz relevante no cenário atual que vivenciamos, onde há tantas possibilidades a serem exploradas e que fazem com que o jornalismo continue se reinventando. Por isso é importante ter conhecimento dos caminhos que podem ser percorridos através das diferentes facetas que a tecnologia proporcionou no campo da comunicação e também ter um olhar crítico em relação a como esses avanços tecnológicos afetam o trabalho do jornalista.

## 2. NARRATIVAS TRANSMÍDIA, MULTIMÍDIA E O STORYTELLING NO JORNALISMO

As evoluções que o jornalismo sofreu durante a sua história não apenas modificaram a forma de se fazer jornalismo, mas também a sua prática. Como exemplo desse progresso podemos citar o uso do celular pelo jornalista como ferramenta de trabalho, bem como as redes sociais, onde o fluxo de informações é ilimitado e constante.

Essa mobilidade permitiu que o jornalismo alcançasse outro patamar, podendo apresentar os fatos em diversas plataformas, tornando-se, assim, até mesmo mais acessível. Apesar de os equipamentos profissionais ainda serem os mais utilizados, nesse caso há até mesmo a possibilidade do uso do smartphone. É a partir daí que surge o conceito de jornalismo móvel.

Para Eugenia Barichello, Flora Dutra e Anelise Rublescki (2013) é notável que, tratando-se do campo do jornalismo e das técnicas que envolvem a comunicação na contemporaneidade, o jornalismo cada vez mais se volta para as plataformas móveis, “tanto para a produção, quanto para a difusão de conteúdo digital.” (BARICHELO, DUTRA e RUBLESCKI, 2013, p. 129).

Segundo Fernando Firmino da Silva (2015), o jornalismo móvel diz respeito à prática de produzir e consumir conteúdos por meio de dispositivos móveis, como smartphones e tablets. Ele caracteriza essa prática por sua mobilidade física e informacional, no sentido de que há a

possibilidade do jornalista produzir conteúdos diretamente do local em que está e as pessoas poderão consumi-lo com facilidade em seu dispositivo móvel.

Definimos, assim, na perspectiva da produção, o jornalismo móvel como a utilização de tecnologias móveis digitais e de conexões de redes sem fio pelo repórter na prática jornalística contemporânea visando ao desenvolvimento das etapas de apuração, produção e distribuição de conteúdos do campo ou de transmissão ao vivo. Nesta instância, o conceito dialoga com esse processo de convergência jornalística em curso nas organizações e com a expansão da mobilidade. Grosso modo, jornalismo móvel digital incorpora o “móvel” de mobilidade e o “digital” da digitalização do aparato técnico utilizado para conferir um rearranjo às rotinas produtivas no jornalismo e ao consumo de notícias (SILVA, 2015, p. 11).

Essas transformações se fazem ainda mais presentes após a pandemia da Covid-19, que teve seu início no ano de 2020 e perdura seus impactos até hoje. Inicialmente, com a quarentena, a indicação era de que todos ficassem em casa para que houvesse o distanciamento social, desta forma os profissionais de diversas áreas, não apenas jornalistas, precisaram se adaptar às tecnologias.

Olhando por essa perspectiva, é inegável a importância da internet e das mídias digitais para a era em que vivemos.

Com a facilidade gerada pela internet, esse fluxo de informações se torna ainda maior e conta cada vez mais com a participação do público. Para Alfredo Vizeu e Giovana Mesquita (2011), esse cenário de participação ativa do público e de democratização do acesso ao conteúdo midiático representa um desafio para o jornalismo.

Quando homens e mulheres começam a deixar de ser “receptores passivos” da televisão, do rádio e dos jornais para interferirem e participarem de uma forma mais efetiva do processo de produção de conteúdos para as mídias surgem inevitáveis hipóteses para o futuro da atividade. Algumas apocalípticas apontando para o fim da atividade jornalística e outras sinalizando novas possibilidades. [...]

Essas mudanças se refletem nas rotinas jornalísticas, no papel ocupado tradicionalmente pelo jornalista profissional e nos obriga a pensar sobre várias questões, que englobam relações de trabalho, ética, controle da informação, só para citar algumas (VIZEU e MESQUITA, 2011, p 329).

O cenário inovador resultado desse avanço tecnológico possibilitou o surgimento de novas maneiras de narrar os acontecimentos como, por exemplo, as narrativas transmídia.

O jeito de contar histórias e abordar acontecimentos vai a outro nível, com muitas possibilidades e mais dinamismo, um exemplo disso é o uso dos newsgames<sup>1</sup>. Esse conceito vai muito além do jornalismo factual que vemos do dia a dia, requer um grande trabalho de pesquisa por parte do jornalista (ou jornalistas), podendo ser necessário até mesmo uma equipe multifuncional.

O jornalismo transmídia, que é o termo utilizado para as narrativas jornalísticas que transitam por diferentes plataformas, busca um maior aprofundamento em um determinado assunto com o objetivo de ir além da camada de informação que vemos no jornalismo factual, promovendo uma experiência mais diversa e interativa para o público.

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões (JENKINS, 2009, p. 141-142).

As narrativas transmídia nos permitem explorar diversos aspectos de algum fato. Cada conteúdo produzido se liga como um todo. As variadas plataformas utilizadas para narrar determinada história servem como um caminho que, se seguido, lhe apresentará diferentes narrativas sobre o acontecimento.

---

<sup>1</sup> “Jogos de notícia” em tradução livre.

Os detalhes de histórias que na maioria dos casos seriam deixados de lado por falta de espaço ou tempo, por exemplo, podem ganhar destaque por meio do jornalismo transmídia, sendo trabalhados como um conteúdo adicional.

Um exemplo de narrativa transmídia é o que o podcast “Projeto Humanos” iniciou em sua quarta temporada, “O Caso Evandro”. O que, inicialmente, era um podcast em formato storytelling contando uma história de um desaparecimento que aconteceu há 30 anos, acabou se tornando um marco do jornalismo investigativo.

O trabalho investigativo realizado pelo jornalista Ivan Mizanzuk trouxe desdobramentos para o caso e acabou rendendo um livro e um documentário da Globoplay. Os diferentes formatos apresentam a narrativa de maneiras distintas, com informações que complementam o todo, abrindo diversas possibilidades de imersão<sup>2</sup>. Quem quiser apenas ouvir o podcast, por exemplo, e não consumir as outras mídias, pode fazer isso tranquilamente. Já aqueles que buscam um maior entendimento do assunto e seus desdobramentos têm a oportunidade de usufruir dos diferentes conteúdos que a transmidialidade oferece.

Esse é a característica principal da transmidialidade: trabalhar um tema de diferentes maneiras – reportagem especial, *podcast*, documentário, etc –, expondo conteúdos complementares ao assunto, cada um feito especificamente para determinada plataforma.

Para Denis e Luciana Renó (2013), o jornalismo transmídia contempla meios e linguagens diferentes para construir as narrativas, que são direcionadas a inúmeros usuários, graças às possibilidades existentes na internet. O uso das redes sociais como ferramenta para a propagação do conteúdo jornalístico tem sido uma alternativa bastante utilizada nos dias atuais, como é o exemplo do podcast “Café da Manhã”, da Folha de São Paulo, que trata de assuntos relacionados à política, cultura, economia, entre outros temas.

Para tanto, devem ser adotados recursos audiovisuais, de comunicação móvel e de interatividade na difusão do conteúdo, inclusive a partir da blogosfera e das redes sociais, o que amplia de forma considerável a circulação do conteúdo (RENÓ e RENÓ, 2013, p. 62).

Com essa possibilidade de expor diferentes rumos de uma história, o público se vê diante da oportunidade de perceber e observar muitos lados do fato. Desta forma, ao consumir esse conteúdo, a pessoa pode se aprofundar no tema abordado, indo além da camada mais “superficial” da informação.

Além do jornalismo transmídia, também podemos encontrar inserido nesse contexto de jornalismo digital as narrativas multimídia. Texto, imagem, vídeo, dentre outros elementos podem ser usados para criar uma narrativa multimídia e elas também se fazem presentes em mais de uma plataforma. Entretanto, para Ramón Salaverría (2014), essa definição não é suficiente para expressar o conceito do que é, de fato, multimídia.

Ele enxerga a complexidade do termo e o divide em três tipos de interpretação: como multiplataforma, como polivalência e como combinações de linguagens. Sendo a última retratada como a junção de linguagens e formatos, sejam eles imagens, vídeos, textos ou áudios. Segundo ele, essa interpretação é a mais comum. Para Salaverría, para considerar um conteúdo multimídia é necessário observar se o conteúdo foi trabalhado em no mínimo dois desses formatos.

Um conteúdo pode expressar-se, efetivamente, através de um único tipo de linguagem – texto, som, fotografia... – ou através de vários tipos de linguagem em simultâneo. Quando o conteúdo se expressa através de um único tipo de linguagem, encontramos-nos perante um conteúdo monomídia. Seguindo o mesmo critério, se combinarmos dois tipos de linguagem estamos perante um conteúdo bimídia; se forem três, trimídia, e assim sucessivamente. Segundo este critério, todos os conteúdos que contam com pelo menos dois tipos de linguagem associados entre si são, por natureza, multimídia. Dito de outro modo, qualquer mensagem que não seja monomídia é multimídia (SALAVERRÍA, 2014, p. 30).

<sup>2</sup> A possibilidade de imersão diz respeito à maior profundidade das informações que se faz presente nas narrativas transmídia. Essas informações são apresentadas em diversas plataformas, tornando, assim, o conteúdo mais rico e criando a possibilidade de o público ver as diferentes perspectivas sobre determinado fato.

Ainda é comum que alguns confundam o jornalismo transmídia com o jornalismo multimídia. Segundo Carlos Pernisa Jr (2010), ambos formatos apresentam uma conexão de meios e não “uma disputa pela sobrevivência entre eles” (PERNISA JR, 2010, p. 4). Para o autor, esses métodos são importantes na construção da contextualização dos acontecimentos e, conseqüentemente, na percepção do público diante dos fatos.

Pensa-se efetivamente em reportagens, principalmente, que se relacionem à Web, aos programas televisivos e radiofônicos, a livros, quadrinhos, espetáculos teatrais, filmes – estejam eles nos cinemas ou disponíveis em formato DVD ou Blu-ray. Tudo isto, interconectado, formando a ideia de um universo de comunicação, apoiando o usuário em sua navegação atrás das diversas facetas do acontecimento, estejam elas em que meio for (PERNISA JR, 2010, p. 4).

O uso do formato storytelling se faz presente nesse contexto. O jornalismo já é conhecido por sua forma de narrar e expor histórias. Entretanto, a definição do que é storytelling se difere do formato mais factual que encontramos nas narrativas jornalísticas. A maneira como a narrativa é feita traz uma maior humanização do fato, com uma maior preocupação em descrever os acontecimentos e os personagens.

[...] a técnica se molda de acordo com a plataforma em que é veiculada, em consonância com suas proposições, perpassando narrativas fáticas e ficcionais por meio de diversos formatos. Bastante discutido no âmbito da divulgação de marcas, o storytelling busca contemplar as dimensões cognitivas do ser, rompendo com as estratégias engessadas e verticalizadas de priorizar o produto no lugar do consumidor (VIANA, 2020, p. 289).

Segundo a pesquisadora Luana Viana (2020), o storytelling inserido no jornalismo busca atingir as emoções do público que consome o conteúdo, “acionados pela humanização do relato e pela forma como os personagens são representados, fatos que aproximam o público-alvo e o sensibiliza sobre o conteúdo transmitido” (VIANA, 2020, p. 292). Esse conceito vem sendo muito trabalhado no jornalismo, como visto no exemplo do podcast Projeto Humanos, citado anteriormente, e consiste em narrar um fato de uma forma mais humanizada e literária – o próprio nome já deixa isso claro, storytelling, do inglês, significa narração de histórias. Por meio dessa técnica o jornalista possui uma maior liberdade em sua escrita ou narração.

O storytelling constitui uma técnica para narrar fatos como se fossem histórias. Ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual, para que ele se identifique com o relato e goste do texto jornalístico como apreciaria um texto mais elaborado, propriamente literário ou poético (CUNHA e MANTELLO, 2014, p. 58).

Cunha e Mantello (2014) frisam que, com o uso da técnica do storytelling, há a necessidade de prender a atenção do público logo no começo e que esse ritmo precisa ser mantido até o fim da história. Fernando Palacios e Martha Terenzzo (2016) reconhecem que vivemos em uma época em que tudo acontece muito rápido, sendo assim, estamos acostumados a ignorar mensagens mais longas e perder o foco com facilidade. Em vista disso, eles acreditam que, mais do que nunca, esse é o momento ideal para a ascensão do storytelling.

Storytelling é a melhor forma de manter a atenção focada enquanto o autor orquestra a mensagem, que pode inclusive saltar de uma mídia para outra. O autor diz tudo o que precisa, vende o seu peixe, e ainda recebe por isso. Parece mágica, mas é só uma questão de reaprender a contar uma boa história (PALACIOS e TEREZZO, 2016, p. 78).

Com essa maior liberdade criativa, juntamente com o uso dos formatos multimídia ou transmídia, há diversas maneiras de promover as narrativas jornalísticas. Essas formas de narrar histórias estão ligadas ao conceito da Cultura da Convergência defendido por Henry Jenkins (2009). Entende-se por convergência a passagem de conteúdos entre diversas plataformas midiáticas, assim como também a fluidez do público, seguindo as informações onde quer que elas estejam (JENKINS, 2009).

Segundo Jenkins, esse conceito está relacionado diretamente com a evolução tecnológica e as mudanças sociais e culturais. Para ele, “no mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia” (JENKINS, 2009, p. 30).

A convergência midiática influenciou diretamente a forma de trabalho dos jornalistas. Segundo Ramón Salaverría e José Alberto García Avilés (2008), essa evolução trouxe consigo mais responsabilidades para o jornalista, visto que espera-se que o profissional seja multifuncional, atuando em diversas tarefas, como fotografia, edição, redação, etc, algo que não era tão comum antes, pois havia pessoas previamente determinadas para cada área de atuação.

Portanto, por mais que o avanço tecnológico tenha trazido consigo uma maior facilidade para o jornalista, trouxe também uma carga maior, repleta de responsabilidades. O jornalista de hoje é completamente diferente do jornalista de 20 anos atrás. O profissional precisa estar apto para atuar nas diferentes áreas. Para isso, é necessário estudá-las para exercer seu trabalho da melhor maneira.

Mesmo reconhecendo a importância e a influência da tecnologia para o fazer jornalístico, é necessário ter em mente que esse maior fluxo de informações gerado pela internet e pelas redes sociais também proporcionou uma maior difusão de conteúdos com informações falsas, as “fake news”. Por isso que diante desse cenário o papel do jornalista se faz mais importante do que nunca, para que esse tipo de conteúdo seja combatido.

Já é muito comum vermos agências que focam em checar as notícias, como por exemplo a Agência Lupa. Esse tipo de agência faz grandes pesquisas e apura os fatos, que posteriormente são divulgados no intuito de fazer um esclarecimento à população. Esse trabalho é fundamental para garantir o combate às fake news e contribui para a construção do pensamento crítico da população que consome esses conteúdos.

### 3. PODCAST E DOCUMENTÁRIO COMO FERRAMENTA NO JORNALISMO

A comunicação está presente em todos os ambientes, seja ela feita de forma verbal ou não verbal. Existem diversas maneiras de se contar uma história e cada uma delas pode influenciar a forma como a informação é recebida pelo público.

O jornalista sempre deve buscar a melhor forma de narrar os fatos e essas formas podem se fazer presentes em diferentes plataformas e formatos.

A mídia sonora possui um formato que é muito usado no jornalismo. O radiojornalismo proporciona uma imersão diferente dos conteúdos audiovisuais, brincando com o imaginário do público.

Se pararmos para analisar o caminho percorrido pela rádio e relacioná-lo com o conceito de Cultura da Convergência defendida por Henry Jenkins (2009), podemos perceber o quanto as novas tecnologias e a convergência midiática ajudaram a transformar esse formato até chegar onde se encontra hoje.

O rádio é hoje um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para a telefonia móvel, a TV por assinatura, a rede mundial de computadores, agregando audiência às mídias sociais, aos sites de conglomerados de mídia, a portais inicialmente desenhados para a circulação de música. A escuta radiofônica se dá agora não apenas em frequência modulada (FM), ondas médias (AM), curtas e tropicais, mas também em tocadores multimídia, celulares, microcomputadores, notebooks, tablets; ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através da busca em arquivos ou diretórios) (KISCHINEVSKY, 2014, p 13).

O formato podcast vem ganhando muito espaço. Segundo pesquisa realizada pelo Ibope em parceria com a Globo, houve um aumento no consumo de podcasts no Brasil durante a pandemia. De acordo com os dados coletados, a porcentagem de pessoas que começaram a ouvir podcasts nesse período chega a 57%. Dentre aqueles que já ouviam, representando 43% dos entrevistados, 31% passaram a ouvir mais do que antes<sup>3</sup>. Sendo assim, o podcast se tornou parte do dia a dia do

<sup>3</sup> Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em 12 nov. 2022.

brasileiro. É possível encontrar vários podcasts com temas variados para todos os gostos. Pode-se dizer que o podcast evoluiu e se transformou no decorrer dos anos após seu surgimento, ganhando diferentes características e inovações.

Inicialmente, os podcasts eram, na maioria, sequências de músicas da predileção do internauta ou monólogos que faziam as vezes de audioblogs. Mas, rapidamente, os programas/episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilha, emulando o que era veiculado em ondas hertzianas ou mesmo, ocasionalmente, introduzindo formatos inovadores (KISCHINEVSKY, 2018, p 77).

Até mesmo a forma como o podcast é transmitido sofreu alterações. Antes era mais comum apenas ouvir o conteúdo, assim como acontece com o rádio, porém, hoje em dia, é muito comum alguns podcasts transmitirem ao vivo em aplicativos como Youtube ou Twitch, permitindo que o público deixe de ser apenas ouvinte e possa, também, ver os locutores.

Sendo assim, o alcance se torna ainda maior, bem como a participação do público, já que as plataformas citadas anteriormente permitem que as pessoas deixem comentários em tempo real.

Quanto aos seus formatos, podemos encontrar diferentes tipos, como podcast de entrevista, bate-papo, informativo, storytelling, entre outros.

Os podcasts que seguem o formato storytelling trazem uma narrativa diferente dos demais. A narrativa se apresenta de forma mais trabalhada e mais humanizada, com o intuito de prender o público até o fim da história.

[...] ao lançar mão desse tipo de narrativa, tem como propósito conduzir o ouvinte a vivenciar histórias em situações imaginadas ou reproduzidas, numa forma de imersão com o conteúdo, sejam elas reais ou de ficção. A narrativa radiofônica possui elementos que contribuem de forma fundamental para uma imersividade, como a possibilidade de reconstituição sonora de áudios históricos, a entonação e o envolvimento emocional que a voz humana pode proporcionar. (VIANA, 2018, p. 8).

Palacios e Terenzo (2016) destacam que para fazer um bom storytelling, é preciso de uma boa história, algo fora do comum. Eles definem essas histórias como “histórias fabulosas”, que fazem parte de um conceito que eles chamam de “Storytelling com S maiúsculo”.

Storytelling com S maiúsculo sempre parte de uma boa história. Uma boa história é aquela que tem um conteúdo especial, diferente do que estamos acostumados em nossos cotidianos. Esse tipo de história é marcante, no sentido de ficar repetindo de forma involuntária em nossas mentes. Esse tipo de história é tão poderoso, que nos compele a contar para outras pessoas. Isso é o que resumimos como “histórias fabulosas” (PALACIOS e TERENCEZZO, 2016, p. 81).

Eles abordam o Storytelling “como uma tecnologia: um conjunto de técnicas que se complementam em uma grande engrenagem capaz de atingir um grande propósito.” Segundo eles, para fazer um bom Storytelling, a “história fabulosa” precisa ter “um propósito épico” e ser “contada de forma fantástica”.

Quando se trata de um podcast de jornalismo investigativo, é interessante o uso das técnicas de storytelling, pois permitem prender ainda mais a atenção do público. Quando se narra um acontecimento de forma que parece que está narrando uma história, mexe com o imaginário e também com a curiosidade das pessoas.

O gênero documentário também é bastante conhecido no cenário do jornalismo. Segundo Puccini (2007), durante muito tempo o gênero documentário seguiu o modelo dos filmes de ficção, “mais especificamente de um período em que predomina um estilo que ficou conhecido por documentário clássico, que domina o gênero nas décadas de 20 e 50” (PUCCINI, 2007, p. 18).

A mudança começa a surgir no fim da década de 1950, com o uso de ferramentas como a câmera 16mm e do magnetofone<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Gravador que propicia o registro do som em fita magnética feito em sincronia com a imagem (PUCCINI, 2007).

Desta forma, a busca por mostrar a realidade através das lentes se instaura, por meio de “um processo de filmagem espontâneo sem todas as formalidades e parafernalias exigidas por uma produção cinematográfica de grande porte” (PUCCINI, 2007, p. 19).

A principal vítima dessa ruptura será, é claro, o roteiro de cinema. Ficará abolida a obrigatoriedade da escrita de um roteiro no período de pré-produção. Falar em roteiro agora só terá sentido na etapa de pós-produção do filme. O filme agora será resultado de um árduo trabalho de montagem, montagem esta que será feita a partir de muito material filmado. A regra é jogar com o imprevisto e o improvisado da filmagem, o que valoriza sobremaneira o papel do cinegrafista na construção do documentário (PUCCINI, 2007, p. 19).

Bill Nichols (2008) acredita que cada documentário tem sua própria voz, pois "como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma 'natureza' própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital" (NICHOLS, 2008, p. 135). Ele separa o gênero documentário em seis subgêneros, sendo eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

Nichols explica que um documentário pode possuir mais de um subgênero em sua estrutura, desta forma podemos entender que não é uma definição exclusiva. Entretanto, um subgênero sempre será predominante dentre os demais.

Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de um dado modo funcionam como *dominantes* num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não foram ou determinam todos os aspectos de sua organização (NICHOLS, 2008, p. 136).

Cada um desses modos teve seu surgimento devido aos contextos existentes de cada época e, para Nichols, o fato de surgirem novos subgêneros não significa que o novo é melhor que o anterior. Cada um tem sua peculiaridade, sua característica e todos estarão sujeitos à crítica "pelas limitações que um outro modo de representação prometa ultrapassar" (NICHOLS, p. 138).

O modo poético teve seu início ligado ao modernismo, com a ideia de retratar a realidade de uma maneira mais subjetiva e detalhes como o jogo de luz, ângulos e a sonoplastia são trabalhados de forma que o documentário tenha esse olhar mais abstrato. O modo expositivo é o oposto disso. A narrativa é mais argumentativa e “dirige-se ao espectador diretamente com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam uma história” (NICHOLS, 2008, p. 142).

Como já está explícito em seu nome, o modo participativo é aquele em que o documentarista vai a campo, vive a experiência. Nichols compara esse ato com os pesquisadores da antropologia que se inserem em determinado ambiente com um povo, vivenciando aquela realidade para depois escrever sobre.

Já o modo observativo é aquele em que o documentarista não participa em cena. Para Nichols (2008) esse tipo de filme não segue o mesmo ritmo dos filmes de ficção e também diferem da montagem, às vezes apressada, das imagens que sustentam os documentários expositivos ou poéticos.

O modo reflexivo "estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa" (NICHOLS, 2008, p. 166). Esse modo fala diretamente com os espectadores, em busca de fazer quem está assistindo pensar e se questionar.

Por último temos o modo performático que, assim como o poético, traz uma abordagem subjetiva e mostra "a perspectiva extremamente situada, concreta e nitidamente pessoal de sujeitos específicos, incluindo o cineasta" (NICHOLS, 2008, p. 170).

Pela perspectiva do jornalismo, pode haver algumas dúvidas sobre o que é um documentário jornalístico e o que é uma reportagem telejornalística. Os dois têm o objetivo de expor a realidade e, para isso, utilizam o formato audiovisual. Entretanto, é perceptível a distinção que há entre esses dois tipos de produtos.

O documentário jornalístico já é um formato pouco explorado nas TVs abertas. Um dos elementos-chaves que diferencia o documentário das reportagens telejornalísticas é o papel do repórter na constituição da informação. O repórter, como o próprio nome diz, é o núcleo fundamental da reportagem. Não existe reportagem sem repórter. Já no caso do documentário, pode até existir uma pessoa ou mais na condução da história, porém o modo como ela aparece no vídeo não precisa apresentar os princípios de imparcialidade e objetividade jornalísticas (SPINELLI, 2012, p. 3).

O gênero jornalístico que mais pode se aproximar do documentário é a grande reportagem. Um exemplo deste gênero é o programa Globo Repórter, da Rede Globo. O fato é trabalhado de uma forma mais aprofundada, utilizando-se dos recursos visuais para tal, assim como acontece no documentário. Relacionando esses formatos com a possibilidade de criar narrativas multimídias ou transmídias, o uso do podcast e do documentário permite que um fato seja trabalhado de diferentes maneiras e com isso podem ser abordados diversos lados da história.

O formato de cada um traz consigo suas peculiaridades. No podcast, a possibilidade de brincar com o imaginário das pessoas; já o documentário pode impactar por meio do uso dos recursos visuais. Essas diferenças fazem com que uma única história contada por meio dos dois formatos possa apresentar características distintas e, ainda assim, semelhanças. Desta forma, o uso dos dois formatos para compor a narrativa de uma história pode se encaixar no conceito de narrativa transmídia.

#### 4. O CASO EVANDRO

O podcast “Projeto Humanos” teve o seu episódio piloto lançado no ano de 2015. Com narração do jornalista Ivan Mizanzuk, de lá para cá o podcast já conta com cinco temporadas, sendo a sua quarta a mais conhecida.

A década de 1990 foi bastante conturbada no estado do Paraná, os casos de desaparecimento de crianças eram muito recorrentes. No ano de 1992 desapareceu Evandro Ramos Caetano, de apenas 6 anos de idade e, a partir daí, se desenrolou um dos casos mais conhecidos e macabros do Brasil.

O Caso Evandro, como ficou conhecido após Mizanzuk usá-lo como tema da quarta temporada do seu podcast, apesar de ser antigo, ganhou destaque nos últimos anos.

Primeiramente veio o caso contado por meio do podcast. Mizanzuk desenvolveu um trabalho de jornalismo investigativo que resultou na descoberta de novas provas envolvendo o acontecimento, mudando completamente o rumo da história.

A primeira coisa que eu sei é que os sete acusados são inocentes. As fitas microcassete que obtive são prova mais do que suficiente disso. Não há evidências materiais de participação de nenhum deles no desaparecimento de Evandro. Todos os testemunhos e confissões foram feitos sob tortura, coação ou em condições suspeitas, que sugerem fabricação de memórias. (MIZANZUK, 2021, p. 325).

Os episódios, que ao todo são 37, estão disponíveis no Spotify, no Globoplay e também no site oficial do podcast<sup>5</sup>. O site do podcast, além de ser uma plataforma que serve para ouvir os episódios, carrega consigo uma enorme riqueza de conteúdos que envolvem as temporadas.

Em relação à quarta temporada (O Caso Evandro), é possível encontrar diversos conteúdos sobre os acontecimentos, fotos das pessoas envolvidas no caso, mapa da cidade, entre outros. Sendo assim, é notável que a narrativa da história consegue ir além do podcast, possibilitando uma maior imersão no caso.

Além disso, em 2021 houve o lançamento da série documental “O Caso Evandro”, original do Globoplay, que narra a história no decorrer de 9 episódios e foi indicada ao Emmy Internacional na categoria de Melhor Documentário. Ainda no mesmo ano teve o lançamento do livro “O Caso Evandro: Sete acusados, duas polícias, o corpo e uma trama diabólica”, que também é de autoria de Mizanzuk.

<sup>5</sup> [www.projetohumanos.com.br](http://www.projetohumanos.com.br)

Pela complexidade do caso, considerando que até hoje ainda há perguntas sem respostas, é notável a importância das diferentes mídias que foram usadas para narrar essa história que envolve tantos personagens, reviravoltas e detalhes..

## 5. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho descritivo, buscando padrões, semelhanças e distinções entre os objetos de estudo. O objetivo principal das pesquisas descritivas é “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 1987, p. 42), portanto há a necessidade de seguir por esse viés com a finalidade de observar e relatar a individualidade e transmidialidade existente tanto no podcast quanto no documentário.

A metodologia utilizada é a de estudo de casos múltiplos, levando em consideração que o objetivo é analisar a transmidialidade presente na narrativa sobre O Caso Evandro, que é contada tanto na quarta temporada do Projeto Humanos quanto na série documental da Globoplay.

Esse método “contribui para a compreensão dos fenômenos sociais complexos, sejam individuais, organizacionais, sociais ou políticos” (DUARTE, 2005, p. 234). Sendo assim, serão analisadas as peculiaridades presentes em cada um dos produtos midiáticos estudados.

A escolha dos objetos foi feita por se tratarem de conteúdos midiáticos que foram produzidos em períodos diferentes, um sendo uma produção da rede AntiCast<sup>6</sup>, no caso do podcast Projeto Humanos e o outro sendo uma produção da Globoplay, que é o caso da série documental. O terceiro produto que se faz presente nesse universo<sup>7</sup> é o livro “O Caso Evandro: Sete acusados, duas polícias, o corpo e uma trama diabólica”, escrito por Ivan Mizanzuk, o jornalista que produz o podcast Projeto Humanos.

Nesse caso, por se tratar de um artigo científico, o foco foi voltado apenas para o produto sonoro e o produto audiovisual, considerando que abordar um terceiro objeto de análise estenderia o presente trabalho. O fato de o podcast e a série documental apresentarem diferentes recursos usados na construção das narrativas também foi levado em consideração. Sendo assim, se faz relevante a análise por se tratar de produtos midiáticos que tratam do mesmo assunto, porém em formatos distintos, com diferentes características.

Com relação às etapas de análise, primeiramente foi analisado o primeiro episódio da quarta temporada do podcast e em seguida o primeiro episódio da série documental. Nas duas análises foram feitas anotações de pontos relevantes sobre a narrativa desenvolvida nos dois produtos midiáticos, que serviram como base para realizar o cruzamento dos dados posteriormente.

Foi observado de que forma cada mídia inicia a história do caso e quais artifícios são utilizados nas duas narrativas, levando em consideração as peculiaridades de cada formato. Foi constatado em que ponto se assemelham e em que ponto se distanciam e se, de fato, a história pode se configurar como uma narrativa transmídia.

### 5.1. Análise do primeiro episódio da quarta temporada do podcast Projeto Humanos: “O Caso Evandro [S04E01]”

O podcast “Projeto Humanos” traz em sua quarta temporada a história que ficou conhecida como O Caso Evandro. Anteriormente, era conhecida de forma pejorativa como “As Bruxas de Guaratuba”, mas após o sucesso do podcast isso mudou. A narrativa utilizada é em formato storytelling e isso fica claro logo em seu primeiro episódio.

<sup>6</sup> “O AntiCast é um podcast criado em 2011 por Ivan Mizanzuk, Marcos Beccari e Rafael Ancara. No seu início, era um programa dedicado a falar sobre design, comunicação e cultura. Hoje, é uma rede de podcasts com os mais variados temas.” Disponível em: <https://anticast.com.br/quem-somos/>. Acesso em 29 nov. 2022.

<sup>7</sup> Jenkins (2009) se baseia no conceito trabalhado pelo escritor italiano Umberto Eco (1986) de universo transmídia. “[...] o universo deve ser enciclopédico, contendo um rico conjunto de informações que possam ser estudadas, praticadas e dominadas por consumidores dedicados” (JENKINS, 2009).

Pode-se encontrar na narrativa uma das definições de storytelling segundo Palacios e Terenzzo (2016), sendo “uma história fabulosa com um propósito épico contada de forma fantástica.”

O narrador, que nesse caso é o jornalista Ivan Mizanzuk, trata a história com tamanha profundidade e traz uma perspectiva humanizada. No começo do episódio ele fala com o ouvinte, criando uma certa proximidade e busca fazer uma contextualização sobre o cenário da época do crime, o que faz o ouvinte se aprofundar ainda mais naquele ambiente.

Essa contextualização ajuda a entender melhor o desenrolar da história e, aos poucos, a narrativa vai evoluindo. Ele trata brevemente de um caso semelhante de desaparecimento que aconteceu na época e que é importante que o público saiba dele para poder entender melhor o contexto dos anos 1990 no Paraná.

Nesse primeiro episódio nos é apresentado o caso que chocou o Brasil. No decorrer de pouco mais de uma hora o narrador conta os detalhes do que seria apenas mais um dia comum, mas que acabou mudando a vida de todos os envolvidos para sempre.

O episódio trata do dia do desaparecimento, porém também traz algumas questões do passado, detalhes sobre o dia em que o corpo da criança foi encontrado, informações dos autos dos processos, como se deu a repercussão na mídia até chegar aos acusados do crime e as prisões.

A parte sobre os acusados e as prisões só é tratada brevemente no final do episódio, deixando claro que os assuntos serão mais aprofundados em episódios futuros.

Alguns personagens que fazem parte do caso são apresentados nesse primeiro episódio, bem como áudios dos processos que trazem informações relevantes sobre o caso e também o uso de gravações em vídeo feitas na época, mas que, por causa do formato de podcast, só são apresentadas em formato de áudio.

A descrição e explicação sobre cada pessoa citada é feita de forma bastante cuidadosa, para que o público possa conhecer mais sobre a pessoa e o porquê ela acabou envolvida naquela situação.

O uso de efeitos sonoros faz uma grande diferença, guiando o ouvinte para a parte seguinte da história contada, gerando uma expectativa para o que está por vir sem parecer exagerado.

Nesse primeiro episódio uma pessoa é entrevistada, a jornalista Mônica Santana, que acompanhou o caso de perto e no decorrer do episódio aparece algumas vezes falando sobre o assunto e sobre a questão da cobertura da imprensa da época.

O fato de ter apenas uma entrevistada nesse primeiro episódio não significa que ele deixa a desejar no quesito informação. Os áudios dos processos apresentados no decorrer do episódio mostram depoimentos das pessoas envolvidas e cada um apresenta um testemunho sobre o caso.

O podcast possui conteúdos extras em seu site, sendo eles informações sobre o caso, fotos das pessoas envolvidas, resumos, documentos, etc. Portanto há a possibilidade do ouvinte se aprofundar ainda mais e conhecer melhor o caso e seus desdobramentos.

## **5.2. Análise do primeiro episódio da série documental O Caso Evandro: “O Crime”**

O primeiro episódio da série documental faz uso de efeitos sonoros e visuais que enriquecem a narrativa. Além de expor gravações e reportagens da época, o documentário busca trazer uma narrativa diferente, por meio de uma dramatização dos acontecimentos. É importante que haja um cuidado na hora de produzir técnicas como essa, ainda mais nesse caso por se tratar de um fato brutal. A série documental conseguiu trazer a dramatização de uma forma que acrescentou positivamente na narrativa.

Algumas cenas são, na verdade, simuladas, com atores. Essa escolha auxilia o público a assimilar melhor os acontecimentos. A escolha na composição de algumas cenas remetem ao modo poético apresentado por Nichols (2008), trazendo uma subjetividade com o intuito de transmitir uma mensagem ao público. De um modo geral, o documentário pode ser considerado expositivo por tratar de fatos e argumentos em sua narrativa, apesar de não haver a presença de um narrador de fato.

Embora não exista a presença de uma voz-over que narra os desdobramentos e o avanço da história, é notável a presença dos conceitos de Storytelling trabalhados por Palacios e Terenzzo (2016), que consiste em apresentar uma história interessante que tenha um grande propósito e seja

narrada de uma forma que chame atenção. Os recursos visuais servem de auxílio para o desenrolar da narrativa.

A narrativa do episódio se dá por meio dos entrevistados. Ao todo foram nove pessoas entrevistadas apenas nesse primeiro episódio. Sendo elas jornalistas, o promotor do caso, o advogado de defesa e Ivan Mizanzuk, que foi quem iniciou toda essa investigação com seu podcast. Sendo assim, são apresentadas diversas perspectivas e opiniões das pessoas que presenciaram o desenrolar dos acontecimentos na época.

A história avança de acordo com as narrativas apresentadas pelos entrevistados e é ilustrada por imagens e vídeos daquele período, o que ajuda a prender a atenção do público. Para Cunha e Mantello (2014) esse é um dos pontos primordiais do storytelling, pois, assim “como uma história, a técnica do storytelling requer um bom começo, para fisgar o leitor (ou o telespectador) como se fosse um anzol, e manter esse ritmo até a conclusão do texto (CUNHA e MANTELLO, 2014, p. 61).

Além de tratar do desaparecimento da criança e os desdobramentos do caso, com cenas para simular os acontecimentos, esse episódio aborda também os acontecimentos anteriores ao crime, falando sobre os desaparecimentos que aconteceram anos antes, mostrando até mesmo reportagens da época com entrevistas. Também é mostrado acontecimentos posteriores envolvendo o crime, até mesmo cenas do velório da criança e momentos de comoção e revolta da população.

O ritmo mais rápido adotado pela série, juntamente com o número de entrevistados, proporciona diversas informações no decorrer dos quase 45 minutos do episódio. Nesse caso algumas questões não são tão aprofundadas por causa do fluxo rápido de informações. É importante levar em consideração que, por se tratar de uma série dividida em 9 episódios, não há espaço para um maior aprofundamento do assunto em apenas um episódio, então faz sentido que a narrativa seja mais acelerada, pois o tempo é curto.

Embora não tenha sido criado conteúdos extras especificamente para a série documental, o site do Projeto Humanos serve muito bem como suporte para aqueles que querem acompanhar a série. Bem como o livro sobre o caso e podcast. Para Jenkins (2009), “a narrativa transmídia é a arte da criação de um universo” (JENKINS, 2009, p. 48). Desta forma, aqueles que consomem esses conteúdos devem buscar os pedaços da história que estão espalhados em diferentes mídias. Essa possibilidade existe graças à convergência midiática.

## 6. CRUZAMENTO DOS DADOS

As narrativas sobre o Caso Evandro analisadas no primeiro episódio da quarta temporada do podcast Projeto Humanos e na série documental da Globoplay possuem semelhanças e distinções. No podcast, que foi a primeira mídia a narrar esse caso dessa forma, a narrativa se apresenta em formato storytelling.

O narrador guia o ouvinte cuidadosamente, sem pressa para o desenrolar dos acontecimentos. O primeiro episódio traz uma contextualização, conversa com o público e é o início de uma longa jornada, afinal, ainda tem mais trinta e seis episódios pela frente.

Enquanto no primeiro episódio da série documental vemos praticamente os mesmos tópicos, só que de forma mais dramática e com um ritmo mais acelerado, por se tratar de um conteúdo audiovisual. Entretanto, a rapidez não atrapalha a qualidade ou quantidade da informação. É preciso ter em mente que pelo fato de os formatos de cada mídia serem diferentes, já é de se esperar que a narrativa presente em cada uma tenha uma estrutura distinta.

Levando em consideração a presença de nove entrevistados no primeiro episódio da série, é possível conhecer a perspectiva de cada um deles sobre o fato. Portanto nos deparamos com variados pontos de vista, o que não ocorre no podcast, pelo menos não diretamente. Esse aspecto torna o documentário menos monótono, o que é um ponto importante para prender a atenção do público.

No podcast o narrador guia a história, mas isso não significa que não temos diferentes pontos de vista. O uso das gravações e reportagens da época, bem como a entrevista (a única que há nesse primeiro episódio) fazem um bom trabalho em ambientar o ouvinte no contexto da história e ajudam a assimilar tudo. É importante levar em consideração que o podcast iniciou a narrativa sobre o caso em 2018, então faz sentido a diferença de entrevistados entre as duas mídias. A série documental foi produzida depois do sucesso do podcast, tendo seu lançamento no

ano de 2021.

O fato de o podcast ter o formato sonoro permite que esse ritmo mais lento seja adotado, sem que isso atrapalhe a narrativa. É aqui que entra a importância do uso de técnicas de storytelling com o intuito de segurar a atenção do ouvinte a cada momento, a cada detalhe e guiá-lo até o fim da história.

Sobre a apresentação dos personagens, no podcast temos uma explicação mais detalhada, que também é um ponto que se enquadra no conceito do storytelling. Enquanto na série documental, somos apresentados a uma quantidade maior de personagens e por isso a apresentação não é tão aprofundada e, por ser um conteúdo audiovisual, não precisa que seja descrito certos detalhes, como a aparência das pessoas, por exemplo.

Os recursos visuais fazem a série documental ter uma narrativa bastante rica, enquanto no podcast temos a liberdade de usar a imaginação. Contudo, é necessário salientar que no site do podcast tem diversos conteúdos sobre o caso. Isso abre a possibilidade do ouvinte poder visualizar exatamente aquilo que está escutando e ajuda a ter uma melhor percepção sobre o fato. O site serve como um suporte multimídia para o podcast e nele você encontra uma enciclopédia sobre o caso com fotos das pessoas envolvidas, os nomes delas, mapas da cidade, entre outros conteúdos.

O final dos dois episódios se assemelha, tratando rapidamente sobre os então acusados do crime, com uma deixa para o episódio seguinte. É importante frisar que o podcast e a série documental não foram pensados, inicialmente, como um produto transmídia. Eles não foram produzidos com o intuito de abordar o caso por uma perspectiva transmídia. O documentário foi lançado três anos após o lançamento da quarta temporada do podcast e isso só se deu pelo fato do sucesso que o podcast atingiu.

Entretanto, levando em consideração todos os pontos citados e observados acima, é notável que a narrativa sobre o Caso Evandro que se desenvolve por meio desses dois produtos midiáticos pode ser considerada uma narrativa transmídia. Para Pernisa Jr (2010), o jornalismo transmidiático consiste na articulação de diversos meios de comunicação, independentemente de quais sejam. Contudo, as narrativas presentes nesse contexto precisam agregar com o todo.

Para finalizar, é preciso verificar que este jornalismo transmidiático seria menos afeito a um único veículo, mas a articulação entre diversos deles. As ligações devem ser vistas como algo que faz parte deste contexto – não importando tanto quais são os meios em questão, mas seu potencial para o desenvolvimento do todo, que seria aqui a narrativa jornalística. Assim, jornais e revistas impressos podem ser utilizados ao lado de sites da Web, bem como espetáculos teatrais, filmes e livros podem se agregar a esta rede – ressaltando que meios analógicos e digitais podem conviver neste ambiente (PERNISA JR, 2014, p. 8-9).

Apesar de existir diferenças na forma como cada um deles é narrado, o ponto principal é o mesmo. Uma pessoa pode consumir só o podcast ou apenas a série documental e ainda assim entenderia tudo que foi tratado. Os conteúdos se completam, mas, ao mesmo tempo, são completos por si sós. Essa é uma das características das narrativas transmídia, pois são capazes de transitar por diferentes plataformas e inovar em cada uma delas.

O uso das técnicas de storytelling para compor a narrativa no podcast fazem, de fato, uma grande diferença. Mais ainda se levarmos em consideração que a soma de todos os episódios chega a 37, portanto as técnicas se encaixam tanto na questão de humanização, por se tratar de um tema pesado, quanto na questão de prender o público até o final da história.

O storytelling apresentado na série documental tem uma estrutura diferente, pois não há um narrador que guie o público durante a história. Esse papel é passado para os entrevistados que, no decorrer do episódio, levam o espectador por diferentes caminhos. Embora haja essa diferenciação em relação ao storytelling, conclui-se que, no fim das contas, trata-se da mesma história.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender se que forma a narrativa transmídia e o uso do storytelling se fazem presentes na quarta temporada do podcast “Projeto Humanos” e na série documental “O Caso Evandro”, focando no primeiro episódio de cada um e usando como metodologia o estudo de casos múltiplos

Foram abordados os conceitos de convergência, storytelling, transmidialidade e multimidialidade no jornalismo e como a narrativa transmídia apresentada em cada um dos produtos se diferencia e se assemelha. O uso do formato storytelling e sua importância nesse contexto de jornalismo convergente também fez parte da discussão. Também foi comentado o uso dos formatos podcast e documentário para compor as narrativas jornalísticas, tal como as características que cada um desses formatos possui.

Levando em consideração o quanto os avanços tecnológicos têm influenciado diretamente o campo do jornalismo, se faz relevante observar as nuances e as técnicas que se tornaram possíveis por meio dessa evolução. Bem como o impacto que essas transformações geram no jornalismo, sejam elas positivas, ou negativas, como o descontrole gerado pelo rápido fluxo de informações que acaba facilitando a disseminação de notícias falsas.

Em relação aos objetos de análise, os dois produtos apresentam algumas características que os assemelham e outras que os diferenciam, como observado no cruzamento dos dados. O podcast consegue se aprofundar mais em alguns momentos, como na hora de introduzir os personagens, por exemplo, enquanto na série documental a narrativa tem um fluxo mais rápido.

A narrativa mais lenta no podcast e o uso de técnicas de storytelling proporcionam um conteúdo mais rico em detalhes descritivos. Já no documentário, o recurso audiovisual tem sua vantagem, pois ajuda a captar mais rapidamente a atenção do público.

Esses pontos se dão pelo fato de se tratar de dois formatos diferentes, portanto cada um apresenta uma estrutura narrativa própria. O fato de a narrativa presente na série documental ser mais acelerada e com a presença de mais entrevistados serve para atrair e prender a atenção do público. Essa escolha de narrativa faz sentido por se tratar de um conteúdo audiovisual. Se tivessem escolhido um rumo diferente, trazendo uma narrativa mais lenta, poderiam ter prejudicado a aceitação do público, que perderia o interesse mais rapidamente.

Já no podcast, a narrativa mais lenta se torna uma escolha possível e necessária para a construção da estrutura narrativa desse formato. É importante que o formato sonoro seja rico em detalhes descritivos, que servem para auxiliar o entendimento do público sobre o fato e instigar sua imaginação, dois pontos fundamentais que podem ajudar a prender a atenção dos ouvintes.

Foi possível observar que apesar de os dois produtos midiáticos não terem sido pensados inicialmente como um produto transmídia de fato, a forma como o fato foi abordado nos dois formatos e as técnicas utilizadas fazem com que a narrativa da quarta temporada do podcast e do primeiro episódio da série documental se enquadre como uma narrativa transmídia, fazendo parte de um mesmo “universo” em que cada conteúdo completa um todo.

Apesar das diferenças observadas entre eles, os dois produtos midiáticos abordam o mesmo caso. Há a possibilidade de acompanhar o conteúdo de ambos ou, se preferir, apenas consumir um deles sem que fique aquela sensação de que falta algo.

## REFERÊNCIAS

- AVILÉS, José Alberto García; SALAVERRÍA, Ramón. La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. **Trípodos**, Barcelona, n. 23, p. 31-47, 2008.
- BARICHELLO, Eugenia; DUTRA, Flora; RUBLESCKI, Anelise. Apps jornalísticas: panorama brasileiro. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Notícias e Mobilidade: O jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã: Livros Labcom, 2013.
- CUNHA, Karenine Miracelly da; MANTELLO, Paulo Francisco. Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 56-67, mai./ago. 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/185>. Acesso em 15 out. 2022.
- DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: BARROS, Jorge Duarte Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia **Figueiredo. Interações e mediações, instâncias de apreensão da comunicação radiofônica**. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 2, 2014.
- MASSAROLO, João Carlos; MESQUITA, Dario. Estratégias contemporâneas do storytelling para múltiplas telas. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, vol. 11, n. 21, p. 48-57, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/issue/view/23>. Acesso em 06 out 2021.
- MIZANZUK, Ivan. **O Caso Evandro: Sete acusados, duas polícias, o corpo e uma trama diabólica**. Rio de Janeiro: Haper Collins, 2021.
- MIZANZUK, Ivan. Projeto Humanos: O Caso Evandro. Anticast, 2018. Podcast. Disponível em: <http://www.projetohumanos.com.br/temporada/o-caso-evandro/>. Acesso: 19 out. 2022.
- PALACIOS, Fernando; TERENCEZZO, Martha. **O Guia Completo do Storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.
- PERNISA JR, Carlos. **Jornalismo Transmidiático ou Multimídia?** Curitiba: Intercom, 2010.
- RENÓ, Denis; RENÓ, Luciana. Linguagens e interfaces para o jornalismo transmídia. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Notícias e Mobilidade: O jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã: Livros Labcom, 2013.
- SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**.

Covilhã: Livros Labcom, 2014.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo Móvel**. Bahia: EDUFBA, 2015.

SPINELLI, Egle Müller. **Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos na internet**. São Paulo: Revista ALTERJOR, vol. 2, n. 6, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88269/91147>. Acesso em 21 out. 2022.

VIANA, L. **Áudio imersivo: recurso binaural na construção de narrativas em podcasts ficcionais de drama**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. Anais [...]. Joinville: Intercom, 2018. p. 1-15.

VIANA, L. **O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting**. RuMoRes, vol. 14, n. 27, jan/jun, 2020.

VIZEU, Alfredo; MESQUITA, Giovana. **O cidadão como mediador público: um novo agente no jornalismo**. Revista Estudos em Comunicação n°9, UBI – Universidade da Beira Interior, pp. 329-340, maio 2011. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-17.pdf>. Acesso em 22 set 2022.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos aqueles que sempre acreditaram em mim, até mesmo quando nem eu mesma acreditava.

À Talitha, minha irmã, que sempre me apoiou em todas as questões da minha vida, você é uma das pessoas mais especiais e eu não sei o que seria de mim sem você.

Agradeço a minha mãe, que sempre foi um suporte para mim e fez tantos sacrifícios para garantir que seus filhos tivessem acesso a uma boa educação.

Quero agradecer a Gabi e André que também sempre viram o melhor em mim e nesse ano de 2022 me ajudaram bastante, vocês são incríveis.

Agradeço também a Natália e Tamyres, minhas amigas da escola, uma amizade que até hoje carrego em meu coração. Vocês sempre ouviram meus desabafos e me encorajaram quando eu estava insegura, não só agora, mas desde antes eu sempre pude contar com vocês e sou muito grata por isso.

Muito obrigada também às minhas queridas amigas que a UEPB me deu, Clara e Stella. Essa foi uma amizade que surgiu de uma forma tão natural e que foi uma das melhores coisas que aconteceram no tempo que passei na universidade. Obrigada por ouvirem os meus surtos e não desistirem de mim.

Agradeço aos professores da UEPB que fizeram parte desse processo, principalmente minha orientadora Verônica, que sempre foi muito compreensiva, amiga e inspiradora. Eu não poderia ter escolhido uma orientadora melhor.

Não posso esquecer de agradecer à tia Ignácia, que desde o começo do curso me apoiou e sem ela eu nem teria conseguido sequer ir assistir as aulas por morar em outra cidade. Obrigada, tia, por tornar essa jornada possível!

Foram muitos desafios até eu chegar aqui e, sozinha, eu definitivamente não teria conseguido.